



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.

ROSE SCHOFFEN PERGHER

O FATOR MOTIVACIONAL NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO A DISTÂNCIA

Videira, SC
2019

ROSE SCHOFFEN PERGHER

O FATOR MOTIVACIONAL NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO A DISTÂNCIA

Monografia apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina – Polo de Videira, como requisito para obtenção do título de Especialista em Linguagens e Educação a Distância.

Orientador: Prof. Dr. Celso Henrique Soufen Tumolo

Coorientador: Prof. Me. Marinho Cristiel Bender

Tutora: Mirian Elizabet Hahmeyer Collares

Videira, SC
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de
Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pergher, Rose Schoffen

O fator motivacional no contexto da formação à distância.
/ Rose Schoffen Pergher ; orientador, Celso Henrique
Soufen Tumolo, coorientador, Marinho Cristiel Bender,
2019.

50 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Curso de
Linguagens e Educação a Distância , Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1.Educação . 3. Educação a Distância. 4. Motivação. I.
Tumolo, Celso Henrique Soufen . II. Bender, Marinho
Cristiel . III. Universidade Federal de Santa Catarina.
Linguagens e Educação a Distância . IV. Título.

ROSE SCHOFFEN PERGHER

O FATOR MOTIVACIONAL NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO A DISTÂNCIA

O presente trabalho em nível de especialização foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Celso Henrique Soufen Tumolo, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Bruno de Azevedo, Me.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Juliana do Amaral, Me.
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Especialista em Linguagens e Educação a Distância.

Prof. Celdon Fritzen, Dr.
Coordenador do Curso

Prof. Celso Henrique Soufen Tumolo, Dr.
Orientador

Videira, 16 de julho de 2019.

Dedico à minha mãe, com amor e saudade e de modo especial, aos meus filhos Gabriel Afonso e Marcos Henrique, para os quais dedico não apenas este trabalho, mas a minha vida.

Agradecimentos

A Deus por me conceder força, motivação e a resiliência necessária para cumprir essa jornada e por colocar em meu caminho o professor e coorientador Marinho Cristiel Bender, ao qual agradeço imensamente pela forma como conduziu o presente estudo. Sua colaboração foi de importância fundamental no processo de conclusão do Curso de Pós-Graduação em Linguagens e Educação a Distância.

Ao coordenador Celdon, bem como ao orientador Celso Henrique, professores, tutores, colegas e demais colaboradores que não pouparam esforços para conclusão deste curso, nesse período conflituoso em que passa a Educação a Distância- UFSC.

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.

Fernando Pessoa

RESUMO

Impulsionada pelo Decreto nº 5.622 a Educação a Distância é uma modalidade de ensino em expansão vertiginosa no Brasil, sendo que o mote se dá especialmente por uma questão de mercado de capital em instituições privadas, uma vez que possibilita formar mais pessoas com um custo operacional bastante reduzido. Cada vez mais, jovens e adultos encontram na EaD o meio para concluir seus estudos. Mas concluir o curso, às vezes pode não ser tão fácil quanto o acesso, e nesse sentido o fator motivacional exerce papel preponderante. Diante disso, no presente estudo, o enfoque consistiu em pesquisar e analisar as influências do fator motivacional no contexto da formação à distância a partir de um levantamento bibliográfico sobre as implicações do fator motivacional nesta modalidade de ensino, considerando os fatores extrínsecos e intrínsecos que influenciam positivamente e negativamente no decurso da formação acadêmica na modalidade e verificando, à luz da literatura, quais as capacidades envolvidas em relação à motivação intrínseca. Após estudo sobre as várias teorias existentes, constatou-se que a maior parte destina-se a estudos do meio empresarial, no entanto encontramos fundamentos que subsidiaram as análises do presente estudo, na Teoria da Hierarquia das necessidades de Abraham Maslow (1946), e sobretudo, na Teoria da Autodeterminação de Edward L. Deci e Richard M. Ryan (1985), a qual, apresenta subsídios mais consistentes para a compreensão do comportamento humano.

Palavras-chave: Educação a Distância. Motivação. Fatores extrínsecos e intrínsecos.

ABSTRACT

Compelled by the decree number 5.622, Distance Education is a vertiginous expanding teaching and learning modality in Brazil, being its mote especially based on a profit market in private institutions, once it offers the opportunity for a bigger number of people to graduate at a lower operational cost. Increasingly, young and adult citizens find in Distance Education a means to finish their studies. Finishing their studies, however, at times cannot be as easy as the access to it, and in this sense, the motivational factor presents a dominant role. Thereby, the main objective of this study consists in conducting research and analyzing the influences of the motivational factor in the context of distance education based on the gathering of relevant literature on the implications of the motivational factor in this learning modality, considering the intrinsic and extrinsic factors which influence learners positively and negatively throughout the graduation in this modality, and verifying, according to the literature, which abilities are involved in the intrinsic motivation. After the study about the various existing theories, it was verified that most part revolves around the business sector, although we found elements which subsidize the analyses in this study, in Abraham Maslow's (1946) Necessities Hierarchy Theory, and above all, in Edward L. Deci and Richard M. Ryan's (1985) Autodetermination Theory, which presents more consistent subsidies for the understanding of human behavior.

Key-Words: Distance Education. Motivation. Extrinsic and Intrinsic Factors.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Hierarquia das necessidades de Maslow.....	28
---	----

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Conceito de motivação na psicologia.....	21
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EaD - Educação a Distância

MEC - Ministério da Educação

TIC - Tecnologia de Informação e Comunicação

TA - Teoria de Autodeterminação

UAB - Universidade Aberta do Brasil

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	OBJETIVOS.....	14
1.1.1	Objetivo Geral.....	14
1.1.2	Objetivos Específicos.....	14
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1	ABORDAGEM HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL.....	15
2.2	O PERFIL DO ALUNO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.....	18
2.3	MOTIVAÇÃO: CONCEITUADO O TERMO.....	19
2.4	PRINCIPAIS TEORIAS DA MOTIVAÇÃO	24
2.4.1	Teoria da Hierarquia das Necessidades.....	27
2.4.2	Teoria da Autodeterminação	29
3	METODOLOGIA.....	35
4	REFLEXÃO.....	36
4.1	O LUGAR DA MOTIVAÇÃO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	36
4.2	FATORES DE INTERFERÊNCIA.....	39
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

Seja pela flexibilidade de horários, pela economia, pela questão geográfica ou pela comodidade, o fato é que há alguns anos a Educação a Distância – EaD, tem sido a opção para muitos estudantes e o número de adeptos à modalidade continua crescendo a cada ano. O mote da expansão da modalidade seu deu pela facilidade de ingressar nos cursos de EaD, seja por iniciativas do governo, com oferta de bolsas de estudo ou pela oferta gratuita pela Universidade Aberta do Brasil – UAB e também por uma questão de mercado de capital em instituições privadas, uma vez que a modalidade possibilita formar mais pessoas com um custo operacional bastante reduzido.

Contudo, o caminho é árduo, fazendo com que uma boa parte dos estudantes não consiga atingir os objetivos propostos pelas universidades, persistindo em seus estudos e concluindo o curso, pois o processo exige algumas competências do aluno para que este possa se autogovernar e prosseguir nos estudos e é nesse ponto, que algumas dimensões exercem papel preponderante, tais como a capacidade de resiliência e a motivação.

A motivação é a força propulsora da vida. Nesse sentido, Spector (2002) corrobora afirmando que

[...] a motivação é geralmente descrita como um estado interior que induz uma pessoa a assumir determinados tipos de comportamento. [...] A motivação refere-se ao desejo de adquirir ou alcançar algum objetivo, ou seja, a motivação resulta dos desejos, necessidades ou vontade. (SPECTOR, 2002, p.198 -199).

A motivação citada por Spector (2002) incide sobre a motivação própria do ser humano, o que os pesquisadores Edward L. Deci e Richard M. Ryan (1985) chamam de motivação intrínseca. No entanto, o presente estudo, sinaliza também para fatores externos, chamada pelos pesquisadores como motivação extrínseca, que exercem influência no processo de formação acadêmica. Em relação às motivações extrínseca e intrínseca, Fernandes e Raposo (2005) ressaltam a importância de ambas na vida do indivíduo ao escrever que

[...] as motivações intrínseca e extrínseca são de fundamental importância em todos os aspectos da vida, sendo presentes em todo o comportamento humano e resultam no desenvolvimento do aprendizado, sendo vistas de forma global. São oriundas das necessidades psicológicas de competência e de determinação. (Fernandes e Raposo, *apud* OLIVEIRA, 2019, p. 06).

Ao ponderarmos sobre a EaD, uma das primeiras coisas que pensamos são nos

aparatos tecnológicos que fazem parte dessa modalidade nos dias atuais. Contudo, a EaD no Brasil é anterior ao advento das Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs, datada de uma época em que a internet não era presente na vida de tantas famílias brasileiras, logo, pode-se falar da mesma antes e depois do advento da internet, o que sinaliza para as transformações nesse contexto educacional, pois o mesmo está sempre em busca de atender as novas demandas, tentando acompanhar a evolução global.

Diante do exposto, conhecer um pouco sobre os fatores motivacionais no cerne da EaD pareceu-nos relevante. Assim, surgiu a seguinte questão de estudo: O que traz a literatura sobre as implicações do fator motivacional na educação distância?

No intuito de responder tal problemática, os estudos foram balizados sob três pontos fundamentais. Primeiramente, buscou-se contextualizar a EaD no Brasil, bem como, identificar o perfil do aluno desta modalidade.

Na sequência os estudos voltaram-se sobre a conceituação e principais teorias da motivação, considerando, as premissas inerentes a Teoria da Hierarquia das necessidades do psicólogo americano Abraham Maslow (1946), bem como a Teoria da Autodeterminação - TA dos pesquisadores Edward L. Deci e Richard M. Ryan (1985).

No contexto da TA encontra-se em Almeida (2012) quatro miniteorias, sendo: Teoria das Necessidades Básicas; A teoria da avaliação cognitiva; Teoria de orientação de causalidade e a Teoria da integração organísmica, as quais, segundo a autora, subsidiam a macro teoria da Autodeterminação.

Ao final, buscou-se relacionar o contexto da formação dos alunos na modalidade a distância, considerando tanto as interferências positivas, quanto as negativas com as teorias estudadas, culminando com as considerações finais sobre o estudo.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

- Pesquisar e analisar as influências do fator motivacional no contexto da formação à distância.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Fazer um levantamento bibliográfico sobre as implicações do fator motivacional na

Educação a Distância;

- Levantar quais os fatores que interferem positivamente e negativamente no decurso da formação acadêmica na modalidade à distância;
- Verificar, à luz da literatura, quais as capacidades envolvidas em relação à motivação intrínseca.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ABORDAGEM HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL

Estudos em relação à EaD no Brasil, avalizam que a mesma surgiu e se efetivou lentamente como uma forma de universalizar a educação e hoje está revolucionando o cenário da educação brasileira, especialmente após o advento da internet e o desenvolvimento de novas Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs, fato que reconfigurou a modalidade de Educação a Distância no Brasil, fazendo com que a mesma se expandisse de forma considerável, chegando a camadas populacionais, que de outra forma não teriam como acessar o ensino superior.

Somado ao advento das novas tecnologias, a mesma também foi impulsionada a partir da Lei de Diretrizes e Bases - Lei nº 9.394/96 e regulamentada pelo decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que dentre outras disposições a caracterizou como uma modalidade de ensino em que a aprendizagem se efetivaria “com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos” (BRASIL, 2011, p. 01).

Mas para que possamos compreender o cenário atual da EaD no Brasil faz-se necessário primeiramente compreendermos como o mesmo foi se consolidando historicamente. Dalmau (2014) preconiza que no Brasil

[...] o conceito formal de Educação a Distância foi construído em função de pesquisas realizadas nos anos de 1970 e de 1980, período no qual essa modalidade de educação passou a ser vista a partir de características que a determinam ou por seus elementos constitutivos. As definições foram mudando com o tempo, assim como a maneira de fazer EaD também mudou. (DALMAU, 2014, p. 23)

Contudo, a origem do termo vai além das fronteiras brasileiras. Conforme Hack (2011) nos apresenta que a origem da expressão

[...] nos leva a um dos pioneiros no estudo da temática, o educador sueco Börje Holmberg, que confessou a Niskier (2000) ter ouvido a expressão na universidade alemã de Tübingen. Para Holmberg (apud NISKIER, 2000), em vez de citar “estudo por correspondência”, os alemães usavam os termos Fernstudium (Educação a Distância) ou Fernunterricht (Ensino a Distância). Niskier (2000) ainda destaca que o mundo inglês conheceu a expressão a partir de Desmond Keegan e Charles Wedemeyer. [...] atualmente se aceita, de forma generalizada, o nome de Educação a Distância. Inclusive o organismo mundial que agrupa as instituições de EaD, denominado desde a sua fundação em 1938 como International Council for Correspondence Education (ICCE) – Conselho Internacional de Educação por Correspondência –, trocou seu nome na 12ª Conferência Mundial, no ano de 1982, para International Council for Distance Education (ICDE) – Conselho Internacional de Educação a Distância. (HACK, 2011, p. 13).

Ao passo que a EaD foi se estabelecendo no Brasil, os estudos a respeito da mesma se acentuavam na busca de compreender essa modalidade de ensino. Em seus estudos, Demo (apud HACK, 2011, p. 15) estabelece diferenças entre os termos Ensino e Educação a Distância, pontuando que Ensino a distância implica em uma forma de socializar informação, enquanto que a Educação a Distância, envolve outras dimensões que exigem aprender a aprender e envolvem o planejamento, a avaliação, sobretudo presencial, bem como a conferência de certificação da formação.

Nesse sentido, pode-se dizer que as TICs promovem tanto o ensino, quanto a educação à distância. O que difere as mesmas são as regulamentações e normatizações, uma vez que uma mesma tecnologia pode servir as duas instâncias. Por exemplo, o uso de um vídeo de caráter científico ou mesmo um tutorial disponível nas plataformas digitais pode servir tanto com mero caráter de informação e socialização como de subsídio para a educação formal, que confere certificado, sendo o caso da EaD.

Da mesma forma que em países como Estados Unidos e Inglaterra, no Brasil a EaD tem evoluído de maneira mais vertiginosa atualmente ao passo que essa modalidade de ensino tem ganhado cada vez mais adeptos e seu alcance tenha chegado às classes menos favorecidas da população.

Acontece que mesmo após as normatizações especificadas no decreto nº5.622 de 20 de dezembro de 2005 que define novos parâmetros para a modalidade, ainda assim mostrou-se um grande desafio devido ao que se deve observar para se ter o mínimo enquanto EaD. Nesse sentido, no ano de 2005 o Ministério da Educação – MEC, criou a Universidade aberta do Brasil - UAB, interligando as universidades públicas de ensino municipais e estaduais afim de propiciar maior alcance à população que está excluída do processo de ensino aprendizagem.

Em comparação aos demais países estudados por Hack (2011) a universalização da EaD no Brasil tem ainda curto período de existência. De certa forma, isso se torna positivo do ponto de vista metodológico, pois possibilita a comparação com os tantos países que já possuem um ensino a distância mais evoluído.

Com a finalidade de alcançar pessoas com limitações ao acesso ao ensino a UAB embasa sua intenção de ensino a distância em princípios democráticos e isso pode ser considerado um grande avanço em conformidade com a constituição vigente, artigo 205 que diz: “a educação, direito de todos e dever do Estado” (BRASIL, 1988, n.p.), no entanto, a UAB tem como prioridade a oferta de cursos de licenciatura, ao destacar: “A meta prioritária do Sistema UAB é contribuir para a Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação, por isso, as ofertas de vagas são prioritariamente voltadas para a formação inicial de professores da educação básica.” (CAPES, 2019, n.p.)

Com o amparo das universidades públicas e dos polos espalhados em várias localidades o poder público pretende oferecer acesso através de tecnologia voltada ao ensino a distância, profissionais capazes de acompanhar os estudantes com secretaria, biblioteca e tutores presenciais. Dessa forma, o estudante consegue não só contato virtual, mas também presencial visto que nem sempre é possível sanar as dúvidas dos alunos não só virtualmente bem como apontar novas possibilidades de acordo com os tutores e professores.

Um ponto que não se pode negligenciar é que não só os alunos precisam se adaptar ao modo midiaticado do conhecimento, mas também professores, tutores e todos os responsáveis para que a EaD aconteça. Nesse sentido,

Para se adequarem à comunicação midiaticada do conhecimento via AVEA, os professores, tutores e alunos precisam se adaptar ao uso do ambiente virtual como um recurso didático em que todos são cooperadores na construção do conhecimento pelo uso de múltiplas tecnologias. (HACK, 2011, p. 38)

Um conceito que perpassa os estudos de Hack (2011) em relação à história da EaD no Brasil é a cooperação, pois fica claro que sem esforço de múltiplos profissionais a implementação dessa modalidade de ensino seria inviável. A multidisciplinaridade é essencial, todos devem estar inseridos do começo ao fim no processo da aprendizagem.

Logo, dentro da concepção do sistema a distância, a pessoa do tutor é essencial, pois ele perpassa os níveis de ensino e aprendizagem e faz a interação entre alunos, instituição e professores. Existe para tanto, dois tipos de tutores, o presencial e o a distância, o primeiro fica no polo em contato com os alunos e repassa as informações aos professores e instituição,

já o tutor a distância tem a função de orientar os alunos de acordo com cada curso.

Do ponto de vista de acesso à informação e ao conhecimento, percebe-se então que a EaD democratiza o ensino a distância dando acesso aos menos favorecidos. No entanto, essa democratização abre o viés para outra questão que versa em como trabalhar de forma satisfatória com alunos que vem do ensino fundamental e/ou médio já com déficit na aprendizagem, tendo dificuldade de se adaptar na modalidade a distância.

2.2 O PERFIL DO ALUNO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Não se pode negar que o ensino a distância no Brasil é um fenômeno sem precedentes e com um potencial imenso de crescimento. Observou-se que o MEC através de diretrizes apontou os caminhos a serem trilhados para a democratização do ensino e é ainda mais impressionante a explosão de instituições particulares oferecendo esse tipo de modalidade de ensino.

Todavia, faz-se necessário refletir sobre a importância não apenas do acesso democrático ao ensino, mas também a qualidade, bem como material, infraestrutura e o preparo de profissionais capazes. Assim como em outras áreas, viu-se no ensino a distância um mercado altamente rentável para aqueles que pretendem oferecer este tipo de serviço, contudo, a questão que fica é: Pode-se afirmar que os profissionais formados nessas instituições estão preparados o suficiente para concorrer à altura com pessoas qualificadas em estudos presenciais ou de ensino a distância de excelência?

Para tanto, é fundamental trazer para o centro desta discussão o perfil dos alunos que aderem à EaD, uma vez que o seu empenho e preparo anterior será preponderante para o sucesso e o alcance da formação destes futuros profissionais.

O aluno que procura o ensino a distância está à procura da flexibilidade de tempo e espaço para poder estudar, visto que o ensino presencial exige horário específico e lugar determinado, outro ponto não menos importante é o acesso que se tem pagando valores mais baixos em um curso não presencial. O aluno atraído pelo ensino a distância fica de certa forma ‘encantado’ com as facilidades: estudar em qualquer lugar e em qualquer horário e pagando menos.

A vida contemporânea prega que tempo é dinheiro e perder tempo percorrendo distâncias muitas vezes longas como nos interiores brasileiros ou nas grandes cidades acaba se tornando um empecilho para aqueles que querem ter uma graduação, pós-graduação ou algum curso profissionalizante. Além disso, a jornada de trabalho, que regularmente é de oito horas

por dia, impede que muitas pessoas, procurando uma melhor colocação no mercado de trabalho, tenham energias e motivação suficientes para enfrentar uma sala de aula presencial. Então, o ensino a distância se torna irresistível para pessoas atarefadas com suas rotinas de trabalho e que precisam otimizar seu tempo.

Outra questão que atrai tantas pessoas para a EaD é o preço praticado pelas instituições privadas, bem como pela oferta em universidades federais. O custo de se manter uma universidade, faculdade ou centro universitário atualmente tem feito várias dessas instituições a optarem a oferecer alguns dos cursos à distância, visto que se atinge um número maior de estudantes e para os professores torna-se mais fácil aumentar seu desempenho pois as aulas são postadas via gravação de aulas ou produção de texto enviadas pela internet.

É importante salientar que o ensino a distância exige mais do aluno do que em qualquer outro formato de ensino. Não haverá mais um local físico específico do qual o aluno recorrerá com facilidade e assim interagir com os demais alunos, bem como não haverá um professor pontualmente acompanhando e de certa forma cobrando, mesmo que implicitamente por resultados. Caberá ao aluno se autogovernar nesse processo. Nesse sentido, Mercado (2007) corrobora defendendo ser

[...] importante considerar os perfis dos participantes que irão estudar na modalidade a distância, no sentido de que as características desejadas para ingressar neste tipo de programas contemplem as capacidades para o auto-estudo e motivação que lhes permita superar os obstáculos inerentes a modalidade, assim como um domínio acessível das habilidades para utilizar os recursos das TIC, incluindo os ambientes virtuais de aprendizagem. (MERCADO, 2007, p. 01 - 02).

Para um bom desempenho no ensino a distância, não basta apenas a vontade de se formar em algum curso, é necessário disciplina e empenho. Muitos alunos se matriculam em um curso a distância com a falsa ideia de que será bem mais fácil um estudo assim e, portanto, não precisam se empenhar em estudar.

2.3 MOTIVAÇÃO: CONCEITUADO O TERMO

O que motiva as pessoas é um assunto amplamente estudado sendo que diversos autores trazem definição sobre o termo. Segundo literatura de Rocha (2009), motivação é a força que coloca o indivíduo em ação, de modo a transformá-lo. Já para os autores Coll e Marshesi (2014), motivação pode ser definida como uma energia psíquica que desencadeia um movimento. Para Sant' Anna (2011) a motivação advém de um ciclo de satisfação, no

qual inicialmente o indivíduo precisa sentir um clima de motivação para assim sentir-se motivado a superar desafios.

Crisóstomo (2010) registra que, epistemologicamente, o termo motivação vem do latim *movere* e significa mover. É um processo essencial para a evolução e para o “bem viver” de todo indivíduo. Também pode ser definida como uma força propulsora pela qual, dentro de uma organização, os profissionais desenvolvem bem suas atividades para que sejam valorizados e, de algum modo, recompensados.

Complementando a origem do termo, Almeida (2012) corrobora ao escrever que:

A palavra motivação provém do latim *movere* cujo supino *motum* e o substantivo *motivum*, do latim *tardio*, deram origem ao termo, semanticamente aproximado, *motivo*. Assim, a palavra motivação é derivada do verbo *motivar* e refere-se ao motivo, àquilo que move a pessoa, que a faz entrar em ação e a impulsiona para algum objetivo. (ALMEIDA, 2012, p. 32)

As atividades desenvolvidas pelos indivíduos, sejam laborais, de desenvolvimento humano, ou de qualquer ordem, não aceitam mais a suposição de que as mesmas, no dia a dia das pessoas, sejam de natureza desagradável. Ao contrário, elas precisam fazer sentido para as pessoas à medida que se reconheçam naturalmente envolvidas por ele. A motivação para determinada atividade depende do significado que cada qual atribui a essa, sendo que o que lhe dá satisfação é próprio, apenas da própria pessoa, e o significado que empresta às suas ações guarda restrita ligação com sua escala pessoal de valores.

Chiavenato (2015) corrobora com o exposto ao registrar:

[...] os seres humanos são motivados por grande diversidade de necessidades. Um fato pode motivar o comportamento de uma pessoa hoje e pode não ter potência suficiente para determinar seu comportamento no dia seguinte. Por outro lado, o comportamento das pessoas é simultaneamente influenciado por um grande número de necessidades, que apresentam valência e quantidades diferentes (CHIAVENATO, 2015, p. 132)

A motivação cobre grandes variedades de formas comportamentais. Nesse sentido Bergamini defende que

[...] a diversidade de interesses percebida entre os indivíduos permite aceitar, de forma razoavelmente clara, que as pessoas não fazem as mesmas coisas pelas mesmas razões. Usando a simples observação de como se comportam as pessoas, é possível perceber o tanto que são diferentes umas das outras. É dentro dessa diversidade que se encontra a mais importante fonte de

compreensão a respeito de um fenômeno que apresenta aspectos aparentemente paradoxais: a motivação humana. (BERGAMINI, 1990, p. 24)

Indo além, na busca da conceituação do termo, encontramos em Todorov e Moreira (2005) no estudo sobre o conceito de motivação na psicologia, uma diversidade de autores, os quais fornecem argumentos para melhor entendimento a respeito. Para melhor ilustrar, apresenta-se tais conceitos na tabela a seguir:

TABELA 1 - Conceito de motivação na psicologia

CONCEITO	AUTOR (A)
“Uma busca dos determinantes (todos os determinantes) da atividade humana e animal”.	(Young, 1961, p. 24)
“Um motivo é uma necessidade ou desejo acoplado com a intenção de atingir um objetivo apropriado”.	(Krench & Crutchfield, 1959, p. 272)
“A propriedade básica dos motivos é a energização do comportamento”.	(Kimble & Garnezy, 1963, p. 405)
“O energizador do comportamento”.	(Lewis, 1963, p. 560)
“Um exame cuidadoso da palavra (motivo) e de seu uso revela que, em sua definição, deverá haver referência a três componentes: o comportamento de um sujeito; a condição biológica interna relacionada; e a circunstância externa relacionada”.	(Ray, 1964, p. 101)
“Pode-se falar em uma teoria da motivação e significar uma concepção coerente dos determinantes contemporâneos da direção, do vigor e da persistência da ação”.	(Atkinson, 1964, p. 274)
“Motivação: o termo geral que descreve o comportamento regulado por necessidade e instinto com respeito a objetivos”.	(Deese, 1964, p. 404)
“Entendemos por motivo algo que incita o organismo à ação ou que sustenta ou dá direção à ação quando o organismo foi ativado”.	(Hilgard & Atkinson, 1967, p. 118)

(continuação)

CONCEITO	AUTOR (A)
<p>“Motivação é um termo como aprendizagem no sentido de que tem sido usado de numerosas maneiras, com vários graus de precisão. Não nos preocuparemos com seu sentido exato, principalmente porque não tem sido usado de maneira precisa neste contexto”.</p>	<p>(Logan & Wagner, 1965, p. 91)</p>
<p>“A psicologia tende a limitar a palavra motivação... aos fatores envolvidos em processos de energia, e a incluir outros fatores na determinação do comportamento”.</p>	<p>(Hilgard & Atkinson, 1967, p. 118)</p>
<p>“Motivação, como muitos outros conceitos na psicologia, não é facilmente delimitado... Inferimos que 'uma pessoa está motivada' com base em comportamentos específicos que a pessoa manifesta ou com base em eventos específicos que observamos estarem ocorrendo”.</p>	<p>(Ferguson, 1976, p. 3)</p>
<p>“A questão da motivação é a questão 'por que' formulada no contexto do comportamento. Interrogações desse teor podem ser feitas indefinidamente e limitamos o âmbito de nossas respostas ao que delineamos, com certa precisão, como a disciplina da psicologia”.</p>	<p>(Evans, 1976, p. 23)</p>
<p>“O estudo da motivação é a investigação das influências sobre a ativação, força e direção do comportamento”.</p>	<p>(Arkes & Garske, 1977, p. 3)</p>
<p>“Mudanças na significância de estímulos são a preocupação básica do estudo da motivação”.</p>	<p>(Catania, 1979, p. 61)</p>
<p>“Sempre que sentimos um desejo ou necessidade de algo, estamos em um estado de motivação. Motivação é um sentimento interno é um impulso que alguém tem de fazer alguma coisa”.</p>	<p>(Rogers, Ludington & Graham, 1997, p. 2)</p>
<p>“Os motivos são concebidos... como forças que são moldadas pela experiência”.</p>	<p>(Dweck, 1999, p. 134)</p>
<p>“Em abordagem operacional, (motivação) é o conjunto de relações entre as operações de estimulação ou privação e as modificações observadas no comportamento que se processa após as citadas operações”.</p>	<p>(Penna, 2001, p. 19)</p>

(continuação)

CONCEITO	AUTOR (A)
<p>“Para cada ação que uma pessoa ou animal executa, nós perguntamos: 'Por que ele ou ela fez aquilo'. Quando fazemos esta pergunta, estamos perguntando sobre a motivação daquela pessoa ou animal... Questões sobre motivação, então, são questões sobre as causas de uma ação específica”.</p>	<p>(Mook, 1987, p. 3)</p>
<p>“[...] a motivação é o conjunto de mecanismos biológicos e psicológicos que possibilitam o desencadear da ação, da orientação (para uma meta ou, ao contrário, para se afastar dela) e, enfim, da intensidade e da persistência: quanto mais motivada a pessoa está, mais persistente e maior é a atividade”.</p>	<p>(Lieury & Fenouillet, 2000, p. 9).</p>
<p>“A motivação tem sido entendida ora como um fator psicológico, ou conjunto de fatores, ora como um processo. Existe um consenso generalizado entre os autores quanto à dinâmica desses fatores psicológicos ou do processo, em qualquer atividade humana. Eles levam a uma escolha, instigam, fazem iniciar um comportamento direcionado a um objetivo [...]”</p>	<p>(Bzuneck, 2004, p. 9).</p>

FONTE: Todorov e Moreira, 2005, p. 122 - 123.

Pode-se perceber, a partir das sentenças citadas, a falta de consenso sobre o conceito do termo. Pelos prismas apresentados, de modo geral, a motivação é entendida como uma força que move o ser humano rumo a seus objetivos. Lewis (1963), Kimble & Garnezy (1963) são exemplos de autores que conceituam a motivação sem pontuar se trata-se de um mecanismo interno ou externo ao ser humano.

No entanto, alguns dos autores citados por Todorov e Moreira (2005) consideram a motivação enquanto um *locus* de controle interno, balizando a motivação como inato ou um sentimento interno, tais como (DEESE, 1964, p. 404), o qual postula: “Motivação: o termo geral que descreve o comportamento regulado por necessidade e instinto com respeito a objetivos”.

Mas a maior parte dos autores, situam a motivação enquanto um *locus* de controle externo, tais como, Ray (1964), o qual considera as circunstâncias externas como fonte de motivação; Dweck (1999), ao postular que os motivos são concebidos a partir da experiência, o que sugere a interferência do meio; Arkes e Garske (1977), citam a investigação das influências sobre a ativação, força e direção do comportamento; Catania (1979) cita

significância de estímulos que implica consideração sobre o meio.

2.4 PRINCIPAIS TEORIAS DA MOTIVAÇÃO.

Por se tratar de um fenômeno de grande complexidade, a motivação permeia os discursos da psicologia desde a sua configuração enquanto ciência até os dias atuais, sendo que são inúmeras as correntes teóricas em debate, que visam estabelecer a relação entre motivação e o comportamento humano. No entanto, Davidoff (2001), defende a tese de que, em relação às teorias motivacionais contemporâneas, qualquer debate não passa de segmentos dos movimentos iniciados no século XX. Dito de outra forma, as teorias motivacionais atuais, assim como as do século passado, estão alicerçadas em quatro segmentos:

1. Behaviorista - De acordo com Santana (2019) trata-se de um dos segmentos mais paradoxais dentre as teorias do comportamento. Inicialmente o Behaviorismo ignorava os processos internos da mente, concebendo o comportamento pela lógica da observação considerado a partir de eventos ambientais de estímulo e resposta. Com o avanço nos estudos, as teorias Behavioristas passaram a considerar as mediações internas do ser como mediador entre estímulo- resposta.

O behaviorismo não ocupa mais um espaço predominante na Psicologia, embora ainda seja um tanto influente nesta esfera. O desenvolvimento das Neurociências, que ajuda a compreender melhor, hoje, o que ocorre na mente humana em seus processos internos, aliado à perda de prestígio dos estímulos como causas para a conduta humana, e somado às críticas de estudiosos renomados como Noam Chomsky, o qual alega que esta teoria não é suficiente para explicar fenômenos da linguagem e da aprendizagem, levam o Behaviorismo a perder espaço entre as teorias psicológicas dominantes. (SANTANA, 2019, n.p.)

2. Cognitivista - Santana (2019) aponta que tal segmento considera como objetos de estudo os processos estruturais e funções mentais, considerando a percepção, o pensamento e a memória e procurando explicar como o ser humano percebe e interage com o mundo. A premissa da teoria cognitivista em relação à motivação, considera que o comportamento é guiado pelo indivíduo de modo a alcançar um determinado resultado de acordo com as expectativas do próprio indivíduo.

3. Humanista - Oliveira *et al* (2019) sustenta que a teoria humanista teve como cerne o movimento de Abraham Maslow com a teoria da Hierarquia das Necessidades, a qual estuda as características da personalidade e satisfação pessoal, estudando o ser humano como

um todo em suas motivações.

Consonante a isso, Machado (2019) escreve que

[...] a Psicologia Humanista busca conhecer o ser humano, tentando humanizar seu aparelho psíquico, contrariando assim, a visão do homem como um ser condicionado pelo mundo externo. No existencialismo, o ser humano é visto como ponto de partida dos processos de reflexão e na fenomenologia, esse ser humano tem consciência do mundo que o cerca, dos fenômenos e da sua experiência consciente. (MACHADO, 2019, n.p.)

Nessa mesma linha segue os estudos inerentes à teoria da Autodeterminação de Deci e Ryan (1985), a qual considera a dialética pessoa-ambiente, ou seja, o ser humano não se dissocia do universo. Nessa lógica o ser humano e o ambiente exercem influências mútuas, nesse sentido, a manutenção da vida implica no modo como nos auto-regulamos no mundo e a partir dele, considerando que a auto-regulação implica em autonomia, que por sua vez implica em ponderar sobre o que é relevante para a vida e agindo de modo mais organizado para todos.

Logo, o comportamento humano pressupõem tanto os fatores de ordem internas quanto externas, conceituados na teoria de Deci e Ryan (1985), enquanto fatores intrínsecos e extrínsecos, sobre os quais trataremos mais adiante.

4. Psicanalítica - Sigmund Freud foi o precursor desta teoria, que considera o consciente e o inconsciente do ser humano em relação a seus desejos, medos, conflitos, impulsos e memórias. O segmento psicanalítico pressupõe a conversação, de modo que quando a pessoas fala sobre seus conflitos a outrem, tende a aliviá-los. A psicanálise ainda está muito presente na contemporaneidade, contudo restringe-se ao âmbito terapêutico, não sendo muito empregada nos debates sobre a motivação.

Oliveira (2019) ressalta que as teorias sobre motivação, via de regras fundamentam-se sob esses principais movimentos sendo que uma teoria pode se pautar em mais de um movimento.

As teorias, embora distintas, se aproximam em relação à percepção da motivação enquanto em elemento que age sobre o comportamento humano, suas necessidades, impulsos e anseios, sendo que algumas ainda consideram que a motivação é determinada também pelo ambiente ao entorno, ou seja, o meio também tem função preponderante na motivação humana.

Nesse contexto, Almeida (2012) destaca:

A motivação humana tem recebido atenção de estudiosos de diversas correntes teóricas, desde o início da história da Psicologia como ciência. Por

se tratar de um fenômeno complexo, interno, multideterminado e com especificidades relativas ao contexto, o assunto tem sido estudado sob diferentes prismas. (ALMEIDA, 2012, p. 32)

Em seus estudos, Paiva (2009), Banov (2015), assim como, Leal, Miranda e Carmo (2019), citam as principais teorias motivacionais alicerçadas nos segmentos anteriormente citados, sendo:

- Hierarquia das Necessidades de Maslow - com fortes bases no movimento humanista, aborda que a satisfação das necessidades do ser humano implica positivamente na saúde física e mental das mesmas. Tal teoria dispõe as necessidades humanas em uma pirâmide, do ponto de vista das prioridades, considerando os fatores físicos, sociais e psicológicos. Sobre a pirâmide das necessidades mencionada, veremos essa estruturação mais adiante em capítulo específico.

É uma teoria amplamente usada por empresas em processos de treinamento motivacional. Paiva ressalta a importância da teoria de Maslow em todas as esferas sociais, pontuando que

[...] a Pirâmide das Necessidades de Maslow é de extrema relevância, em qualquer contexto humano em que se queira evitar a permanência da necessidade, que gera insatisfação. [...] deve ser vista em todos os setores da vida humana: no lar, na escola, na empresa, na igreja etc. Quando as condições de satisfação das necessidades são observadas, evita-se que ocorra a insatisfação. (PAIVA, 2009, p. 75-76)

- A teoria motivacional de Herzberg - fatores de higiene X motivação. Esta teoria, considera especialmente as fontes de motivação relevantes para o trabalho considerando, sobretudo o relacionamento entre gerência e funcionários.

Segundo Herzberg, as necessidades básicas, em segundo plano e as de associação, correspondem aos fatores de higiene ou de manutenção, que constituem fatores potenciais de satisfação, em vez de fontes de motivação orientadas para o trabalho. Os fatores de higiene, como pagamento adequado, local de trabalho limpo e seguro, plano de benefícios entre outras coisas, preenchem apenas as condições essenciais para que o ser humano funcione de forma saudável no ambiente de trabalho. (PAIVA, 2009, p. 08)

De acordo com Banov (2015), na esfera medicinal o termo ‘higiênico’ implica na ideia de profilaxia, ou seja, remete a ideia de prevenção e não de cura. Na visão de Herzberg, o uso do termo tem o mesmo efeito na administração. Nesse sentido

[...] a melhoria das condições de gerenciamento, da qualidade das relações

humanas, da política da empresa, do ambiente de trabalho, dos salários e das práticas administrativas, bem como a clareza dos acordos e contratos, apenas evita que ocorra a insatisfação. (BANOV 2015, p. 78)

- Teoria da Equidade - a premissa basilar dessa teoria se apoia na percepção da justiça, pontuando que a injustiça é determinante a falta de motivação. A referida teoria aborda questões como: o feedback, salários, benefícios, prazer e status.

Se na comparação com outras pessoas a justiça é percebida, a motivação acontece. [...] A justiça entre o que o colaborador oferece e o que recebe comparado aos seus colegas é fator primordial para o seu envolvimento com o trabalho. O que o colaborador percebe é a relação eu-trabalho-outros (BANOV 2015, p. 79)

- A Teoria da Autodeterminação - difere-se das demais teorias, por considerar não apenas os fatores intrínsecos como fonte de motivação como também os fatores extrínsecos. Segundo Leal; Miranda e Carmo (2019), a referida teoria, é de grande aplicabilidade no meio empresarial, sendo também uma das mais consideradas nos debates inerentes a motivação escolar.

- A Teoria do Reforço - de Burrhus F. Skinner (*apud* BANOV, 2015) segundo a qual a motivação ocorre pelo reforço positivo em decorrência das ações ou pelo reforço negativo as ações não desejadas por outrem. Nesse contexto, ao recompensar um bom comportamento com reconhecimento é o mesmo que estimular sua repetição. Conforme já citado anteriormente, alicerça no movimento Behaviorista.

Paiva (2009), Banov (2015) e Leal, Miranda e Carmo (2019), citam outras teorias, como: Teoria da auto-eficácia e teoria da fixação de metas. Muitas outras também são citadas por teóricos da área e conforme Bergamini (1997), uma teoria não anula a outra, mas se complementam no sentido de compreender o ser humano, considerado em sua complexidade.

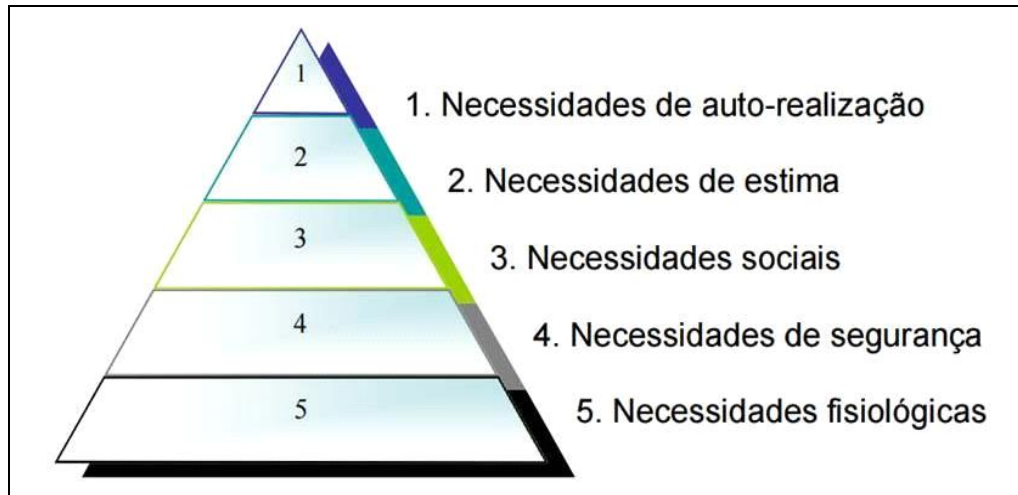
Contudo, a maior parte são percebidas dentro de um enfoque empresarial. Logo, após o breve apanhado sobre as teorias, os estudos se voltam para as mais consideradas na esfera educacional, sendo a Teoria da Hierarquia das necessidades Abraham Maslow (1946) e principalmente, a teoria da autodeterminação de Edward L. Deci e Richard M. Ryan (1985).

2.4.1 Teoria da Hierarquia das Necessidades - Abraham Maslow

Encontra-se em Ferreira; Demutti e Gimenez, (2010) que em 1946 o psicólogo americano Abraham Maslow trouxe o tema motivação mais fortemente à pauta dos

debates ao apresentar e defender a hierarquia de necessidades humanas, as quais podem originar a motivação como também a frustração a depender de fatores subjetivos de cada indivíduo.

Figura 1 – Hierarquia das necessidades de Maslow



Fonte: ROBBINSON (2000 *apud* FERREIRA; DEMUTTI; GIMENEZ, 2010 p. 311)

Conforme é possível observar na figura acima, as necessidades básicas de um ser humano, as quais Maslow defende, são dispostas hierarquicamente, constituindo um grupo de cinco necessidades: fisiológicas, segurança, social, autoestima e auto-realização e segundo Maslow (*apud* FERREIRA; DEMUTTI; GIMENEZ, 2010) todas precisam ser atendidas para que a pessoa se sinta realizada.

No entanto Ferreira e Demutti (2013) pontuam que a pirâmide das necessidades não foi apresentada por Maslow, que o teórico apresenta

[...] uma distinção psicológica e operacional entre as necessidades ditas mais altas e as necessidades mais baixas. [...] considerando que a privação das necessidades de nível mais alto não produz uma desesperada reação de defesa como é produzida pela privação das necessidades de nível mais baixo." (FERREIRA; DEMUTTI, 2013, p. 61 - 62) (grifo nosso).

As referidas necessidades são apresentadas na seguinte ordem:

1. Necessidades fisiológicas: constitui o ponto de partida para a teoria e compreende fatores de ordem fisiológica, mais básicas do ser humano tais como, respirar, comer e beber, dormir, ter relações sexuais, entre outras. Compreende também os conceitos de homeostase e apetite, no primeiro caso consiste em esforços mecânicos do organismo em

relação ao estado da corrente sanguínea e no segundo agrega o que o indivíduo necessita a mais para suprir carências do organismo, sendo o caso do uso de produtos químicos.

2. Necessidades de segurança: Estando atendidas as necessidades fisiológicas, logo surgem as novas relativas à segurança, que elenca questões como a estabilidade, a ordem, a proteção, entre outras.

3. Necessidades sociais: Supridas as necessidades fisiológicas e de segurança, de acordo com Maslow, o indivíduo sentirá necessidade de pertencimento social e de amor. "A pessoa passa a sentir intensamente, como nunca antes, a ausência de amigos, da pessoa amada ou filhos, sentindo fortemente as dores da solidão, ostracismo, rejeição e do desenraizamento." (FERREIRA; DEMUTTI, 2013, p. 61).

4. Necessidades de autoestima: a quarta na ordem das necessidades, excluída qualquer patologia, o indivíduo sente o desejo de ser estimado por outrem, inclui a necessidade de respeitado por si e pelos outros, com prestígio e reconhecimento.

5. Necessidades de auto-realização: a última das necessidades segundo Maslow se manifestará a partir do momento que a maior parte das necessidades anteriores estiverem supridas. Tem implicações diretas no aproveitamento do próprio potencial, bem como na necessidade de crescimento, autonomia e independência.

Esta última etapa dificilmente será suprida, pois ao passo que o indivíduo avança uma etapa, surgem novas demandas de crescimento pessoal. Também não será suprida em ordem inversa ao apresentado, pois faz parte das necessidades secundárias dos seres humanos.

Embora a teoria de Maslow tenha aceitação tanto no âmbito empresarial quanto educacional, não há um consenso sobre a mesma. Robbins (2002), acredita que a teoria não apresenta o embasamento empírico necessário, acrescentando que a escala de hierarquia apresenta níveis bastante rígidos. Por sua vez, Bergamini (2008) afirma que, mesmo sem o embasamento empírico, a teoria teve irrestrita aceitação. Nesse contexto, Maslow desenvolveu os conceitos de motivação considerando sua teoria como uma base para futuras pesquisas, estando sujeita a comprovação ou não. (Maslow, 1987, *apud* FERREIRA; DEMUTTI, 2013 p. 59-60).

2.4.2 Teoria da Autodeterminação de Deci e Ryan

Em comparação aos estudos behavioristas de Skinner (*apud* BANOVA, 2015) com a teoria de estímulo-resposta e comportamento observável, da Psicanálise de Freud, (*apud* DAVIDOFF, 2001), que situa a motivação enquanto um elemento interno do ser humano, ou

mesmo da Teoria da Hierarquia das necessidades de Abraham Maslow, datada de 1946 (FERREIRA; DEMUTTI; GIMENEZ, 2010), a Teoria da Autodeterminação - TA de Deci e Ryan (1985) é mais recente, sendo que os princípios básicos postulados foram apresentados ao final do século XX, mais precisamente em uma publicação no ano de 1985.

Appel-Silva, Wendt e Argimon (2019) apresentam uma data anterior aos estudos dessa teoria.

A teoria da autodeterminação foi elaborada no ano de 1981 por Richard M. Ryan e Edward L. Deci, atuais professores do Departamento de Clínica e Ciência Social, do Departamento de Psicologia da Universidade de Rochester, Estados Unidos, com a finalidade de responder às questões epistemológicas e éticas do *paradigma eudaimônico*, que considera a saúde e o bem-estar psicológicos como consequentes do compromisso com os desafios e propósitos da vida. (APPEL-SILVA, WENDT E ARGIMON, 2019, n. p.)

Outra data é apresentada por Rosecler e Guimarães (2019) ao escrever que: “Proposta por Deci e Ryan na década de 70 do século XX, a teoria focaliza as tendências naturais humanas para o crescimento, desenvolvimento e bem-estar no processo de interação com as condições socioculturais”. (ROSECLER; GUIMARÃES, 2019, p. 211). De qualquer modo, independente de não se chegar a um consenso na literatura sobre a data, a mesma paira entre as décadas de 70 e 80 do século XX e é a mais considerada no contexto do ensino atual.

Leal, Miranda e Carmo (2019), afirmam que a TA está no foco da discussão no campo de motivação para o rendimento escolar, destacando que a motivação pode ser determinante para o desempenho do estudante ao mesmo passo que o desempenho influencia no fator motivacional.

Nesse caminho entre a motivação do aluno e seu desempenho final há todo um processo que não é indiferente para o aluno. Em outras palavras, a motivação é a força que move o aluno, esta motivação, e denominada por Deci e Ryan (1985) como motivação intrínseca, a qual por sua vez sofre interferência dos fatores externos, denominada de motivação extrínseca. Nesse sentido, Sobral (apud OLIVEIRA, 2019) corrobora:

Na Teoria da Autodeterminação as motivações dos indivíduos diferem e são determinadas e orientadas por contextos que dão subsídios a necessidades psicológicas; postulam a autonomia, competência e conectividade dos seres que podem variar em relação ao nível e tipo de motivação. Nesse contexto surge o porquê de querer fazer algo por prazer e a intensidade de realizar uma tarefa no sentido de estar intrinsecamente motivado e também por consequência ou devido a outras variáveis envolvidas, na situação de estar extrínseco motivado. (Sobral *apud* OLIVEIRA, 2019, p. 05).

Na conjectura da TA, os indivíduos desenvolvem-se naturalmente, pois possuem estímulos inatos para a aprendizagem e o desenvolvimento. Considera-se, no entanto, que os ambientes ricos de estímulos são mais favoráveis ao desenvolvimento da motivação autônoma e autodeterminada, conseqüentemente a um desenvolvimento psicológico profícuo.

Independentemente das condições que o meio oferece, em relação à escassez ou riqueza de estímulos o fato é que, natural e gradualmente, o indivíduo irá processar as experiências vivenciadas, que sempre resultarão em desenvolvimento, com ressalva a casos em que haja alguma patologia. Esse desenvolvimento subsidiado pelo meio social se dá em maior ou menor grau dependendo do nível de estímulos extrínsecos.

A teoria de Edward Deci e Richard Ryan (1985) oferece subsídios para a compreensão da motivação desses estudantes, na medida em que

[...] a teoria da Autodeterminação procura explicar o desenvolvimento da personalidade saudável, a influência das fontes motivacionais naturais e o processo de autorregulação autônoma, em razão dos quais o indivíduo apresenta comportamentos importantes, de forma equilibrada e responsável direcionados para seus objetivos. (ALMEIDA, 2012, p. 52).

No contexto da EaD a motivação dos estudantes compreende conotações de ordens diversas, não apenas relacionadas ao desenvolvimento e aprendizagem, como também de evasão escolar, baixo rendimento entre outros aspectos que podem ter relação com o fator motivacional.

Nesse sentido, Sobral (2003), postula que os princípios da TA são pertinentes no âmbito da educação na medida em que favorecem a compreensão e as implicações de todo o processo, considerando três grupos de motivação, os quais classifica: desmotivação, motivação extrínseca e motivação intrínseca.

Almeida (2012, p. 52) ressalta que Deci e Ryan (2000) elaboraram o que ela chamou de “quatro miniteorias com a finalidade de melhor compreender os determinantes da motivação e expandir as possibilidades de intervenção docente no contexto de aprendizagem”, acrescentando que não há uma ordem cronológica entre elas, tão pouco uma ordem de prioridades. Tais miniteorias buscam explicar os três grupos de motivação da TA citados acima, para tanto, considera-se relevante primeiramente, imprimir o conceito das mesmas de acordo com Deci e Ryan (*apud* ALMEIDA, 2012).

a) **Motivação intrínseca:** Tem seu *locus* de causalidade interno com a origem da ação no próprio indivíduo, ou seja, a motivação intrínseca é inerente ao próprio indivíduo e

diz respeito às prioridades e desejos do mesmo. É um impulso que move as pessoas em busca de seus objetivos. Via de regra, é uma capacidade inata, uma força interior capaz de se manter ativa em maior ou menor grau mesmo diante de infortúnios. Ou seja, o indivíduo pode estar mais ou menos motivado dependendo do contexto em que se desenvolve, além disso, tal motivação depende também de outras capacidades, tais como a autonomia, a competência. Essas capacidades impulsionam “as pessoas a buscarem desafios e a se sentirem capazes para realizar tarefas”. (ALMEIDA, 2012, p. 53). Leal; Miranda; Carmo (2019) escrevem que a pessoa intrinsecamente motivada tem interesse e prazer na prática de determinada atividade pois a mesma é sentida como um fim em si mesma.

b) **Motivação extrínseca:** Em suma, com *locus* de causalidade externo, a ação tem origem em causas externas ao indivíduo. Muito utilizada na atualidade no meio empresarial, como forma de estimular os funcionários, a motivação extrínseca diz respeito a atuações que acontecem no meio visando conduzir o comportamento do indivíduo. Tais medidas podem ser por exemplo, reconhecimento pelo desempenho, recompensas por metas alcançadas, palestras motivacionais, entre outras. Nesse sentido, “a satisfação não vem da atividade em si, mas sim das consequências extrínsecas produzidas pela atividade. (LEAL; MIRANDA; CARMO, 2019, p. 163).

A aprendizagem e o desenvolvimento escolar também tem sido estudado na perspectiva dos conceitos de motivação extrínseca, sobretudo na esfera da EaD, onde se busca manter o engajamento dos alunos no decorrer do curso. Siqueira & Wechsler (*apud* LEAL; MIRANDA; CARMO, 2019) explanam que um aluno intrinsecamente motivado é aquele que se envolve com o processo por si só, encontrando satisfação em participar e aprender, enquanto que o aluno extrinsecamente motivado realiza uma atividade buscando a recompensa externa, que pode ser, evitar uma punição ou mesmo, o reconhecimento social.

c) **Amotivação:** Diz respeito à ausência de motivação básica. De acordo com Fontana (*apud*, TUDURY, 2012) consiste em um estado motivacional em que o indivíduo não encontra razões significativas que justifiquem uma atividade. É a falta de propósito para realizar determinada atividade, pois não a percebe que esta lhe trará benefícios.

Exposto o conceito dos grupos de motivação, vamos às quatro miniteorias citadas por Almeida (2012).

1. **Teoria das Necessidades Básicas** – Implica na existência de três necessidades consideradas universais, sendo: a autonomia, a competência e o pertencimento. Tais necessidades são psicológicas e são inerentes ao indivíduo, variando em função do sexo, idade e cultura do mesmo. Assim, exemplifica que “Quando o ambiente social, como por exemplo,

o contexto de sala de aula, oferece suporte e apoio a estas necessidades, os alunos tendem a se sentir satisfeitos e a apresentarem envolvimento ativo nas atividades propostas” (ALMEIDA, 2012, p. 50 - 51).

Em relação à autonomia, segundo Ferreira (*apud* Almeida, 2012), é autônomo, o sujeito cuja ação se dá com a ausência de controle externo, ou seja, é a capacidade de se autogovernar sem dependência do outro. Contudo, a autonomia enquanto necessidade básica de um comportamento intrinsecamente motivado, sob a ótica da teoria da Autodeterminação, pode também apresentar-se como um fator externo ao indivíduo, quando este é levado a acreditar que os motivos relacionados aos seus comportamentos estão vinculados a fatores externos. “Isso pode gerar no aluno a sensação desagradável de ser conduzido por terceiros, e sentir-se levado por sentimentos de ineficácia e incapacidade, revelando seu e descompromisso com as atividades educacionais e com o desempenho.” (ALMEIDA, 2012, p. 51).

Deci e Ryan (*apud* ALMEIDA, 2012), explicam que ainda que o aluno seja conduzido a determinado comportamento, mesmo sendo intencional, ele executa porque aceitou as variáveis externas. Desse modo, os comportamentos são intencionais, sejam eles autônomos ou controlados.

Para que ocorra a motivação autônoma, o indivíduo precisa assentir concordância pessoal na atividade, não se sentir pressionado e possuir alta flexibilidade em sua execução. Por outro lado, a motivação controlada implica que a pessoa aja impelida por eventos externos, sob pressão, e na maioria das vezes para atender ao senso de responsabilidade. (ALMEIDA, 2012, p. 52).

Para Ryan e Deci (*apud* ALMEIDA, 2012), em relação a competência, ela é uma habilidade que impulsiona as pessoas a buscarem desafios e a se sentirem capazes. Quanto a necessidade de pertencimento, incide em perceber-se vinculado, integrado ao contexto. No contexto escolar,

Essa necessidade pode ser atendida, em sala de aula, por meio de recursos simples, como o ato de dar atenção, estar disponível ao aluno e ser respeitoso para com ele. Isso não só do professor para com os alunos, mas também dos alunos, uns com os outros. Quando estabelece relações interpessoais autênticas e se sente digno de respeito, o aluno vivencia a aceitação social e participa de um ambiente estável e seguro. Isso faz com que ele tenha garantido um bem-estar extremamente importante para a qualidade de sua motivação. (ALMEIDA, 2012, p. 53).

2. **A Teoria da Avaliação Cognitiva** - Tal miniteoria busca elucidar a origem natural do

envolvimento na atividade, considerando, sobretudo, como as recompensas externas e as condições socioculturais influenciam a motivação intrínseca do indivíduo. Nesse sentido, compreende que se um indivíduo, ou, no caso da sala de aula, um aluno perceber determinado estímulo como forma de controlá-lo, logo, sua motivação intrínseca sofrerá prejuízos. Essas formas de controle ocorrem de diversas formas no âmbito escolar podendo ser pela forma autoritária do professor se relacionar com o aluno, por pressões por resultados, por falta de feedback ou por feedback negativo e ainda por outras tantas variantes. Tais vivências

[...] representam para os alunos limitações da liberdade de escolha de comportamentos e, então, afetam a satisfação da necessidade de autonomia. Eventos vistos como altamente controladores proporcionam um locus de causalidade externo e diminuem a percepção de autodeterminação, resultando na diminuição da motivação intrínseca. (ALMEIDA, 2012, p. 56).

Por outro lado, feedback positivo, reconhecendo o trabalho do aluno, bem como a liberdade de autodirecionar suas atividades, possibilita ao aluno um aumento em seu nível de motivação. Logo, fica claro como o meio-fatores externos, influencia tanto positivamente quanto negativamente no fator motivacional.

3. **Teoria de Orientação de Causalidade** - Relaciona-se com as especialidades da personalidade do aluno, considerando as diferenças comportamentais no que concerne à motivação. Segundo Deci e Ryan (*apud* ALMEIDA 2012) a orientação de causalidade marca a alcance da autodeterminação do indivíduo.

Para melhor entendimento dos conceitos elucidados pela teoria de orientação de causalidade, pode-se pensar que a história de vida e as características de pessoas proporcionam aos indivíduos tendências para apresentarem comportamentos regidos por orientações mais autônomas ou por orientações externamente controladas. Alguns alunos têm naturalmente atitudes mais independentes e outros têm maiores necessidades de orientações do professor. (ALMEIDA, 2012, p. 58)

Nesse sentido, indivíduos com maior alcance de autodeterminação são os que apresentam a orientação de causalidade mais autônoma, enquanto que aqueles que necessitam de estímulos ambientais apresentam uma orientação de causalidade controlada pelo meio.

4. **Teoria da Integração Organísmica** - Levando em consideração as experiências vividas desde os primeiros dias de vida e considerando que essas experiências são balizadas por valores e regulações sociais que são internalizados de maneira contínua, a quarta miniteoria pressupõem haver “uma tendência humana para interiorizar as regulações externas e na intenção de entender e classificar os diferentes tipos de regulação da motivação

extrínseca propõe um continuum de autodeterminação” (ALMEIDA, 2012, p. 61).

Logo, o organismo agrega variáveis externas da motivação internalizadas por processos sociais e culturais de regulação externa ao longo de toda a vida. De modo mais preciso, é próprio do ser humano interagir de acordo com a regulação do meio.

Contudo, esse *locus* de causalidade externo pode, muitas vezes não favorecer o pleno desenvolvimento das habilidades citadas na niniteoria das Necessidades Básicas, tais como, autonomia, competência e senso de pertencimento, uma vez que a regulação externa pode gerar indivíduos sem autodeterminação, com comportamentos demasiadamente controlados ou alienados.

3 METODOLOGIA

A metodologia adotada para a realização deste trabalho monográfico, consistiu em uma pesquisa bibliográfica, sendo subsidiada em literaturas já existentes elaboradas por vários autores, em livros, artigos, teses, dissertações e demais literaturas e materiais considerados relevantes ao assunto.

Após levantamento bibliográfico, verificou-se que a gama de teorias existentes são inúmeras. Assim, optou-se em limitar as pesquisas sobre a Teoria da Hierarquia das necessidades de Maslow (1946) e a Teoria de Autodeterminação - TA de Deci e Ryan (1985), bem como a relação no contexto da formação acadêmica.

Para a estruturação do trabalho optou-se em dividi-lo em cinco partes, sendo:

1. Introdução, na qual se apresenta a temática, bem com os objetivos propostos.
2. Referencial teórico, apresentando primeiramente a contextualização da EAD no Brasil, bem como, o perfil do aluno desta modalidade. Para isso buscou-se subsídios em autores como, Hack (2011), autor renomado no contexto da EaD, bem como em documentos de base legal, como por exemplo, a Lei de Diretrizes e Bases - Lei nº 9.394/96. Em seguida apresentou-se a conceituação sobre as principais teorias da motivação, avaliando as premissas inerentes a Teoria da Hierarquia das necessidades de Maslow (1946) e a Teoria de Autodeterminação, subsidiada por diversos autores.
3. Metodologia.
4. Reflexão sobre o papel da motivação na EaD, considerando tanto as interferências positivas, quanto as negativas em relação as teorias estudadas. Os conceitos apontados na Teoria da Hierarquia das necessidades de Maslow, bem como na Teoria de Autodeterminação subsidiaram a reflexão presente no capítulo final sobre o lugar da motivação na EaD,

considerando os fatores de interferências.

5. Considerações finais sobre o estudo.

Conforme seguiu-se com as pesquisas, percebeu-se a necessidade de delinear algumas miniteorias que servem de sustentação para os estudos na perspectiva da TA. Logo, buscamos em Almeida (2012) o suporte bibliográfico para elucidar as mesmas, considerando que, além de bem apontar as premissas das miniteorias, Almeida (2012) também as relaciona com o âmbito da educação.

4 REFLEXÃO

4.1 O LUGAR DA MOTIVAÇÃO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

No contexto da EaD, existe uma preocupação em relação às causas do fracasso escolar dos alunos que muitas vezes não conseguem atender ou atingir os objetivos da escola, concluindo seus estudos. Nesse sentido a questão que norteia é, por que alunos, ainda que em situações cognitivas e socioeconômicas semelhantes apresentam resultados desiguais?

Conforme levantamento bibliográfico apresentado anteriormente, o fator motivacional pode ser a base desse *iceberg*, pois implicam diretamente no processo de ensino aprendizagem. Assim,

considerando a motivação e a aprendizagem centrada no estudante, tem-se que a primeira consiste na "força que impulsiona na direção de sua auto-realização e está totalmente ligada à participação e à co-participação do estudante no contexto sócio educacional" (BRITTO, 1989, p.81).

Este contexto envolve a interação das pessoas em busca da segurança, além da solução e orientação para seus problemas emocionais e sociais. (KOBAL, 1996, p. 33)

No contexto da EaD, a importância da motivação parece ser consenso entre os estudiosos da área. Ainda que, com abordagens distintas, reconhecem a motivação como fundamental ao processo. “A motivação do aluno é uma variável relevante do processo ensino/aprendizagem, na medida em que o rendimento escolar não pode ser explicado unicamente por conceitos como inteligência, contexto familiar e condição socioeconômica.” (LOURENÇO; PAIVA, 2018, p. 133).

Boruchovitch e Bzuneck (2009) também defendem que o fator motivacional é vital no processo de aprendizagem. Os autores salientam que

[...] alunos desmotivados estudam muito pouco ou nada e, conseqüentemente, aprendem muito pouco. Em última instância, aí se configura uma situação educacional que impede a formação de indivíduos mais competentes para exercerem a cidadania e realizarem-se como pessoas, além de se capacitarem a aprender pela vida afora. (BORUCHOVITCH; BZUNECK, 2009, p.13)

Contudo, é oportuno salientar que a EaD atende um público específico, normalmente adulto, que procura a modalidade pela flexibilidade para estudar, e via de regra, buscando melhorias na vida pessoal e profissional. Esse público apresenta também exigências específicas, pois o que os motiva difere-se da motivação de uma criança ou adolescente, pois estes, motivados ou não, aprendendo ou não, deverão seguir com os estudos ao menos até aos dezoito anos de idade, atendendo ao que a lei brasileira vigente preconiza.

Um aluno adulto, por outro lado, estuda para atender alguma necessidade própria, não havendo obrigatoriedade nisso. Algo o motiva a isso e, de acordo com Rogers (*apud* KNOWLES, 1998), ele irá aprender de modo mais significativo na medida em que percebe que tais estudos lhe garantem sustentação ou melhoramento da estrutura do ego, ou, segundo a Teoria da Hierarquia das necessidades de Maslow (1946), compreende a necessidade de auto realização, logo a última das necessidades do ser humano e que tem implicações diretas em três questões fundamentais - de crescimento, autonomia e independência.

Para Ferreira (1985, p. 29) “Se em todo processo de aprendizagem ela é determinante, no caso de um ensino a distância torna-se mesmo o fator imprescindível para seu êxito. [...] O aluno adulto não é obrigado institucionalmente a estudar, apenas o faz se e enquanto estiver motivado.” (grifo nosso). O autor defende a ideia de que o adulto, ao ingressar na EaD, o faz por diversos motivos, seja para complementar uma habilitação, por buscar novos conhecimentos, para aperfeiçoar-se, ou por motivos relacionados ao seu próprio bem-estar e de seus familiares. De qualquer modo há uma motivação que parte do próprio ser, o que Deci e Ryan (1985), chamaram de motivação intrínseca ao desenvolverem a TA.

Cruz & Barcia (1998) salientam que

[...] alunos adultos trabalhadores esperam respostas diretas para seus problemas práticos, e não abstrações científicas. Eles são altamente sensíveis aos fatores de tempo e custo, se estiverem engajados num aprendizado dentro do local de trabalho. Por esta razão, alguns estudantes podem ser bastante críticos sobre os cursos, sem que estejam se referindo diretamente aos seus professores. (CRUZ & BARCIA, 1998, p. 34).

Nesse mesmo sentido, segue as contribuições de Lowe (*apud* ARETIO, 1994, p. 159)

segundo o qual, “A pessoa adulta estará motivada para participar em uma atividade organizada de aprendizagem se percebe que isto o ajudará a resolver um problema pessoal, social ou profissional, ou lhe fará mais feliz”.

Segundo Bergamini (1997, p. 92), “a motivação nasce no interior de cada um”, é uma força determinante no contexto do ensino aprendizagem da EaD, sendo que a mesma implica em uma série de sentimentos que são capazes manter o sujeito focado em seus estudos.

Fazendo um paralelo com ambas as teorias apresentadas, a citar: Teoria da Hierarquia das necessidades de Maslow (1946) e a Teoria de Autodeterminação - TA de Deci e Ryan (1985), Logo é possível perceber o quanto o meio pode interferir em relação ao fator motivacional.

Na perspectiva da TA, o contexto é determinante, pois como apresentado anteriormente, ele é fonte de motivação extrínseca, a qual por sua vez impacta no nível intrínseco da motivação. Sob a ótica da Teoria da Hierarquia das Necessidades, embora Maslow não tenha mencionado explicitamente o fator extrínseco no contexto da motivação, também é possível perceber o mesmo como determinante, se considerarmos que as necessidades que formam a base da pirâmide dependem em grande parte do contexto no qual o individuo se desenvolve.

Por exemplo, um aluno que se desenvolve em um contexto de violência, com condições sociais e econômicas deficitárias ao longo da vida, mesmo quando em idade adulta, terá maiores dificuldades para chegar ao topo da pirâmide, pois existem fatores além de seus desejos, e em consonância com a teoria de Maslow (1946), o mais provável é que esse contexto seja gerador de frustrações ao invés de motivá-lo a atingir a auto-realização, pois antes de lutar por prestígio e reconhecimento ele precisará lutar pela sobrevivência própria e muitas vezes, de sua família.

É importante lembrar, como bem defende Bergamini (1997) que uma teoria não anula a outra, aqui, ambas se complementam no sentido de compreender a complexidade do ser humano. Igualmente importante é retomarmos a fala de Ferreira e Demutti (2013) quando explanam que Maslow desenvolveu os conceitos de motivação considerando sua teoria como uma base para futuras pesquisas, estando sujeita a comprovação ou não.

Logo, em alguns pontos as teorias se aproximam, tais como citado anteriormente em relação à influência do contexto socioeconômico. “Tanto quanto os impulsos, as necessidades intrínsecas são naturais e funcionam como uma importante forma de energizar o comportamento.” (KOBAL 1996, p. 49) no entanto, uma ressalva importante é feita por Kobal (1996) ao pontuar que as necessidades intrínsecas (Teoria da Autodeterminação) são

diferentes dos impulsos primários (Teoria da Hierarquia das necessidades), que compreende fatores de ordem fisiológica mais básicas do ser humano.

Já em outros pontos, se diferem, sendo a TA bem mais abrangente em relação aos fatores externos, considerando as minúcias contextuais tais como a relação professor aluno, entre outras, sobre as quais, explanaremos no próximo capítulo.

4.2 FATORES DE INTERFERÊNCIA

Considerando a teoria de Maslow (1946) em relação à hierarquia das necessidades humanas, que consiste na busca por satisfazer determinadas necessidades, a saber, que a necessidade de realização pessoal e profissional está no topo da pirâmide e que para que esta seja alcançada, os demais níveis deverão ser supridos anteriormente, logo se percebe a vasta gama de fatores que podem influenciar, tanto positivamente quanto negativamente no processo da aprendizagem. De ordem pessoal, na ordem da hierarquia, as necessidades fisiológicas, de segurança, sociais e de estima são as determinantes para auto-realização, pois se estas não forem atendidas o indivíduo dificilmente terá suporte para buscar por sua realização pessoal e profissional.

Os fatores de interferência também são inúmeros se analisados no contexto da TA de Deci e Ryan (1985), considerando a amotivação bem como a motivação extrínseca e intrínseca. Também é possível fazer um paralelo entre as duas teorias estudadas, pois ainda que Maslow (1946) não considere os fatores extrínsecos e intrínsecos em sua teoria, a relação entre ambas é possível, uma vez que tanto as necessidades básicas quanto as secundárias admitem o esforço do próprio indivíduo assim como das interferências do meio em que vive.

Ademais, também é preciso levar em conta o fato de que um aluno adulto pode ter passado vários anos fora de um espaço escolar, e que o espaço inerente a EaD difere-se grandemente do ensino regular de onde esse aluno, possivelmente tenha vindo, logo, percebe-se que, para além dos fatores de ordem pessoal que esse aluno tenha que superar para prosseguir em seus estudos também há vasta gama de determinantes inerentes ao próprio contexto escolar, tais como o clima pedagógico, relação professor - aluno e/ou aluno - colegas, assim como outras variantes.

Nesse contexto, os vínculos sociais configuram-se enquanto um elemento muito importante de motivação. Bzuneck e Guimarães (*apud*, ALMEIDA, 2012) pontuam que tais vínculos são responsáveis pelas cargas de emoções positivas e negativas do indivíduo, ou seja, na medida em que existe uma relação harmoniosa no contexto de aprendizagem o nível

de estresse tende a ficar baixo, logo, menor carga negativa o aluno trará consigo. Do contrário, quanto mais desordenada a relação nesse contexto, menos condições de bem-estar o aluno terá e conseqüentemente mais afetado será em seu processo de motivação.

Por exemplo, um aluno que por algum motivo se sente fora do contexto, ou por não saber fazer uso adequado dos aparatos tecnológicos, ou por divergências com professores ou colegas, poderá não se sentir acolhido e conseqüentemente afetado em sua necessidade de pertencimento, citada, tanto na Teoria da Hierarquia das necessidades de Maslow (1946), quanto na Teoria da Autodeterminação de Deci e Ryan (1985).

Em relação ao professor, este exerce um papel muito importante no processo, pois ainda que o sistema não dê a autonomia ao aluno em vários momentos, devido ao fato, especialmente, do seu rendimento ser sempre condicionado a um processo de avaliação, com notas mínimas para a sua aprovação, e considerando que no âmbito da EaD, esses critérios são ainda mais rígidos, assim, cabe ao professor e também ao tutor mediar o processo, dando o feedback necessário, norteando e sendo facilitadores no caminho da aprendizagem.

Relacionando o exposto com as miniteorias que servem de base a TA, destaca-se que:

Quando o professor se esforça em criar um ambiente de satisfação nas três necessidades básicas de seus estudantes, como proposto pela miniteoria, ele está incentivando e apoiando a natureza básica do indivíduo, que é de crescimento, desenvolvimento saudável e bem-estar. Contrariamente, quanto mais frustradas as necessidades, mais limitadas serão as condições para a motivação. (ALMEIDA, 2012, p. 53).

Além do professor como fonte de interferência, tanto positiva quanto negativa, Lacerda; Reis e Santos (2008), apontam alguns fatores que podem ser determinantes, tais como, as metodologias de ensino aplicadas (adequadas – inadequadas), o (des)preparo do corpo docente, condições das universidades e em relação a EaD pode-se citar também os polos de ensino, no que diz respeito por exemplo, a temperatura da sala e suporte audiovisual ou mesmo a eficácia no acesso virtual.

Em um estudo comparativo entre turmas do ensino presencial e a distância, Carmo (2014) chegou a conclusão que os alunos EaD não apresentaram níveis de autodeterminação significativos, se comparados ao do ensino regular, prevalecendo nesse sentido, o caráter extrínseco de motivação. Logo, se o aluno não apresenta essa predisposição à autodeterminação e o contexto escolar também não apresentam meios eficazes de motivá-los, de acordo com Lacerda; Reis; Santos (2008), o resultado poderá ser a descontinuidade do curso acadêmico em decorrência de um desgaste que acabará por gerar a desmotivação do

aluno.

Quanto ao uso da tecnologia, o desafio parece ainda maior, pois como sabemos, ainda vivemos um contexto de exclusão digital no Brasil, decorrente, sobretudo, dos níveis de desigualdade social que perduram ao longo dos tempos. Nesse sentido, saber fazer uso da tecnologia é uma demanda social e no contexto da EaD é uma prática emancipadora, pois dificilmente um indivíduo que não se apropriou de uso da internet e das tecnologias inerentes a EaD, chegará ao nível proposto em relação as necessidades consideradas universais na TA, que são: autonomia, competência e pertencimento.

Ressaltamos na primeira parte do presente estudo que o ensino a distância exige mais do aluno do que em qualquer outro formato de ensino uma vez que a tecnologia configura-se como o cerne desta modalidade de ensino. Contudo, não só os alunos precisam se adaptar ao modo midiaticizado do conhecimento, mas também professores, tutores e todos os responsáveis para que a EaD aconteça, pois professores, ainda que ótimos em conhecimento e didática presencial, se não souberem portar-se de modo a atender as demandas digitais no contexto do ensino, não serão facilitadores do processo.

Em relação ao aluno, mais do que saberem manejar as tecnologias no contexto do ensino, é importante salientar que caberá a ele se autogovernar em seus estudos. Nesse contexto, as instituições que promovem o ensino a distância, precisam oferecer o suporte necessário para estes alunos, considerando, sobretudo, a abrangência etária que o curso à distância alcança, indo de alunos recém-saídos do ensino médio a pessoas da terceira idade que deixaram o ritmo escolar há muito tempo.

Nesse ponto, é importante lembrar um fator que constitui um elemento extrínseco, mas de grande influência na configuração da motivação intrínseca do ser, o qual diz respeito ao desenvolvimento do indivíduo ao longo de sua trajetória de escolarização básica. Oliveira (2012) destaca que indivíduos com maior alcance de autodeterminação são os que apresentam a orientação de causalidade mais autônoma. Contudo, a realidade encontrada nas salas de aula no decurso da educação formal consiste em uma orientação de causalidade controlada pelo meio, que em nada contribui para a formação de uma motivação autônoma. Logo, mais uma lacuna se estabelece na conjectura da Autodeterminação, visto que para que a referida motivação autônoma aconteça se faz necessário que o aluno sinta “concordância pessoal na atividade, não se sinta pressionado e possua alta flexibilidade em sua execução.” (ALMEIDA, 2012, p.53).

As formas muito rígidas e controladoras, próprias do sistema educacional gera no aluno a impressão de ser conduzido por terceiros, o que resulta em sentimento de ineficácia,

desta forma o mesmo poderá ficar condicionado a ordens de terceiros tendo dificuldade de assumir uma postura autônoma.

Vimos que os indivíduos possuem estímulos inatos para a aprendizagem e o desenvolvimento, no entanto, os ambientes e modos de interação são estímulos fulcrais ao nível da motivação autônoma e autodeterminada, conseqüentemente a um desenvolvimento saudável, considerando que o referido desenvolvimento compreende a saúde enquanto organismo dinâmico que envolve bem-estar físico, mental e social, elementos basilares na TA. Em consonância, Appel-Silva, Wendt e Argimon, (2019) avaliam que a saúde e o bem-estar psicológicos são conseqüências dos desafios e propósitos da vida, relativas às condições intrínsecas e extrínsecas ao indivíduo.

Nesse contexto, não é forçado afirmar que as relações escolares devem possibilitar que o aluno se sinta socialmente, psicologicamente e fisicamente bem, pois “alguns estudos já realizados permitiram deduzir que a relação entre aprendizagem e motivação vai além de uma pré-condição, perfazendo uma relação de influência mútua.” (CARMO, 2014, p. 17)

Em uma recente reportagem publicada no G1 – Jornal Nacional (2019) que pondera sobre o aumento acelerado de matrículas nas faculdades a distância, bem como dos fatores positivos e negativos dessa modalidade, constata-se que 21% do total de alunos de graduação matriculados no país são da EaD, o que equivale a quase 2 milhões de matrículas. Desse montante, há os que citam como vantagem o fato de poder estudar a distância além do custo consideravelmente menor, chegando a uma redução de mais de 70% no curso EaD em comparação com o mesmo curso na modalidade presencial. Tal expansão fez com que nos últimos 5 anos o total de polos - EaD espalhados pelo Brasil passasse de 5 mil para aproximadamente 15 mil.

Como desvantagem a reportagem cita a questionável eficácia da modalidade em relação à qualidade do ensino, considerando a baixa interação entre aluno e professor, a dificuldade, muitas vezes, de assimilar o conteúdo de forma independente. Nesse contexto, o que ocorre é a formação de “profissionais deficitários na sua formação, sobretudo, os formados em licenciaturas, tais como pedagogia, matemática e história, que repercutirão na qualidade do ensino de seus futuros alunos, salienta Callegari, (*apud* G1/JORNAL NACIONAL, 2019)

Para finalizar o capítulo e sem a pretensão de incidir em qualquer nível de citação, investigação ou julgamento sobre o contexto da deflagração da operação Ouvidos Mucos, a qual instaurou uma crise de consideráveis proporções no âmbito da EaD da UFSC em setembro de 2017 (G1, 2019, n.p.), considera-se relevante a citação sobre a mesma, pois o

fato ocorreu paralelo ao andamento de vários cursos de EaD, incluindo o Curso de Pós-Graduação em Linguagens e Educação a Distância, a qual serve o presente estudo. Ao citar tal operação, o que se busca é apontar a importância da motivação frente às diversidades, pois tal fato exigiu uma capacidade de resiliência por parte de coordenadores, professores, tutores e alunos, que, neste caso, tem estreita ligação com o fator motivacional.

Nesse contexto, toda estrutura extrínseca de motivação, que segundo a perspectiva da TA, impacta preponderantemente no nível de motivação intrínseca for alterada. Não há estudos que comprovem o fato, mas não seria nenhum despropósito dizer que um percentual considerável de alunos acabou por desistir do curso em decorrência das dificuldades que passaram a existir, tais como, paralização temporária dos cursos em novembro de 2017 (UFSC - UAB, 2017) (G1, 2019).

Logo, balizado pela TA, especialmente, pela niniteoria de orientação de causalidade que a compõem, acredita-se que grande parte dos alunos que deram sequência aos estudos são àqueles cujo alcance da autodeterminação é mais elevado, apresentando a orientação de causalidade mais autônoma e tendo seu *locus* de causalidade interno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida deste estudo deu-se no intuito de pesquisar e analisar as influências do fator motivacional no contexto da formação à distância e com base no levantamento bibliográfico, ponderar sobre quais as capacidades envolvidas em relação à motivação intrínseca, além de fazer um levantamento de possíveis fatores que interferem positivamente e negativamente no decurso da formação acadêmica na modalidade à distância. Nesse sentido, algumas considerações são imprescindíveis ao final deste trabalho.

Com relação às influências do fator motivacional no contexto da formação à distância, destaca-se que a EAD está longe de ser um espaço sem conflitos e dificuldades. Dentre as dificuldades, há aquelas que dizem respeito às subjetividades, sendo, portanto, intrínsecas ao ser, as que existem em detrimento de interferências determinadas pelo meio, sendo estes, fatores extrínsecos e ainda a chamada amotivação, que consiste na falta de propósito para realizar determinada atividade. Na perspectiva da Teoria da Autodeterminação, os três tipos de motivação citados, admitem o esforço do próprio indivíduo assim como das interferências do meio, da mesma forma, admitem a influência de um dos tipos sobre o outro. Por exemplo, um dado acontecimento, fonte de motivação extrínseca, pode influenciar tanto no nível de motivação intrínseca quanto de amotivação. Contudo, quanto maior o nível de autonomia e

autodeterminação, capacidade essa fundamental da motivação intrínseca menores serão os impactos dos fatores extrínsecos.

No que diz respeito às capacidades envolvidas em relação à motivação intrínseca, considerando o conceito de tal tipologia da motivação, logo percebe-se que esta implica grandemente no interesse inerente do ser, na autodeterminação, autonomia e na competência pessoal, ou seja, há uma pré-disposição inata para a motivação, contudo o meio pode determinar o nível da mesma, pois como vimos, este consiste em um organismo dinâmico que envolve bem-estar físico, mental e social e pode interferir tanto positivamente quanto negativamente balizando os níveis de motivação autônoma e autodeterminada, assim como, resultar na amotivação.

Quanto aos fatores motivacionais que interferem positivamente e negativamente no decurso da formação acadêmica a distância, aqui o estudo se abriu para muitas possibilidades, sendo que muitos fatores exercem tanto influencia positiva, quanto negativa, dependendo das relações que se estabelecem no contexto da EaD.

Os vínculos sociais configuram-se enquanto um elemento muito importante de motivação, impactando nas emoções positivas e negativas do indivíduo. As relações conflituosas são geradores de estresse, que interferem diretamente no bem estar do aluno, conseqüentemente na sua capacidade de Autodeterminação, do contrário, se o contexto oferece segurança e amparo para os problemas emocionais e sociais irá somar ao nível de motivação intrínseca.

Interferência negativa também pode ser percebida em relação às formas muito rígidas e controladoras do próprio sistema educacional, que consiste em um *locus* de causalidade externo, e que, segundo a perspectiva da TA, pode gerar no aluno a impressão de ser conduzido por terceiros, o que resulta em sentimento de ineficácia, gerando indivíduos sem autonomia, autodeterminação, com comportamentos controlados ou alienados.

A desigualdade social também é um fator que interfere negativamente no contexto da formação a distância, sendo que a falta de manejo em relação as TICs, ainda se configuram como as principais causas insucesso na formação a distância. Nesse contexto, o desafio é muito grande, devido especialmente ao contexto de exclusão digital no Brasil, decorrente dos níveis de desigualdade social.

Finalizando, acredita-se que os objetivos suscitados foram respondidos de modo satisfatório, no entanto, abrem-se parênteses para algumas questões que pairaram no decorrer desse estudo, as quais precisam de um estudo mais aprofundado para se chegar a uma resposta, tais como: Qual a probabilidade de os alunos advindos de escolas públicas, das quais

muitas vezes a qualidade é questionável, de cursar uma modalidade de ensino a EaD com êxito, da qual o sucesso dos estudos dependerá mais dele? Como escolas e professores do ensino regular podem contribuir para sanar a lacuna que se estabelece em relação ao desenvolvimento da autonomia dos alunos? É possível um trabalho de inclusão digital no âmbito do ensino público regular, de modo a universalizar o acesso ao mundo tecnológico, fulcral ao pleno processo de cidadania nos dias atuais, considerando, sobretudo, o preparo para uma possível formação a distância?

Quanto à temática do estudo e em consonância com as teorias estudadas, pode-se dizer que, em suma, a motivação é uma força propulsora da vida, mas a disposição em agir depende de fatores internos e externos, isso considerando as duas abordagens teóricas, mas especialmente a Teoria da Autodeterminação, a qual, conforme apresentado, oferece maiores subsídios para compreensão do comportamento humano.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Débora Menegazzo De Sousa. **A motivação do aluno no ensino superior: um estudo exploratório**. Londrina 2012. Disponível em: http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2012/2012_-_ALMEIDA_Debora_Menegazzo_Sousa.pdf Acesso em: 27 abr. 2019.
- APPEL-SILVA, Marli; WENDT, Guilherme Welter; ARGIMON, Iranib Iracema de Lima. **A teoria da autodeterminação e as influências socioculturais sobre a identidade**. Psicol. rev. (Belo Horizonte), Belo 2010 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000200008&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 29 abr. 2019.
- ARETIO, Lorenzo G. **Educación a distancia hoy**. UNED, 1994. Disponível em: <http://aretio.blogspot.com/2011/12/educacion-distancia-hoy-libro-de-1994.html> Acesso em: 03 dez. 2018.
- BANOV, Márcia Regina. **Psicologia no Gerenciamento de Pessoa**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2015.
- BERGAMINI, Cecília Whitaker; CODA, Roberto. **Psicodinâmica da Vida Organizacional: Motivação e Liderança**, 2 ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.
- _____. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm Acesso em: 10 out. 2018.
- _____. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm#art24 Acesso em: 10 out. 2018.
- _____. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Acesso em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm Acesso em: 28 abr. 2019.
- BORUCHOVITCH, Evely.; BZUNECK, José. Aloyseo. (Org.). **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BORUCHOVITCH, Evely et al. **Motivação do aluno para aprender: fatores inibidores segundo gestores e coordenadores pedagógicos**. Artigo - www.fae.unicamp.br/etd. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1264> Acesso em: 10 out. 2018.
- CAPES. **O que é o Sistema UAB**. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/uab/o-que-e-uab> Acesso em: 17 abr. 2019.

CHIAVENATO Idalberto. **Administração de recursos humanos**. 10 ed. São Paulo, 2015.

CARMO, C. R. S. **Motivação discente no curso de bacharelado em ciências contábeis: um estudo comparativo entre alunos da modalidade presencial e alunos da modalidade a distância**. Revista ConTexto, Porto Alegre, v. 14, n. 26, p. 7-18, jan./abr. 2014.

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/ConTexto/article/view/33841> Acesso em: 01 jun. 2019.

COLL, Cesar; MARCHESI, Álvaro. **Livro Desenvolvimento psicológico e educação**. Artmed: Porto Alegre, 2014.

CRISÓSTOMO, Israel. **A motivação como ferramenta de crescimento**. 2010. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/a-motivacao-como-ferramenta-de-crescimento/22535/>. Acesso em: 03 dez. 2018.

CRUZ, Dulce; BARCIA, Ricardo. **O Ensino a Distância e o Setor Produtivo: levando a Universidade ao local de trabalho**. In: Revista de Ciências da Administração/Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Sócio Econômico. Depto. De Ciências da Administração. V.1, n.2, ago. 1999.

DALMAU, Marcos Baptista Lopez. **Introdução à educação a distância**. 3. ed. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2014. Disponível em: http://arquivos.eadadm.ufsc.br/EaDADM/UAB_2014_2/Introducao_EaD/material_didatico/Livro%20texto%20Introdu%C3%A7%C3%A3o%20a%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Dist%C3%A2ncia.pdf Acesso em: 16 nov. 2018.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução a Psicologia**: 3 ed. São Paulo: Makron Books, 2001.

DECI, E. L. e RYAN, R. M. **Intrinsic motivation and self-determination in human behavior**. New York: Plenum, 1985.

FERREIRA, André; DEMUTTI, Carolina. **A influência do nível educacional na percepção da Teoria das Necessidades de Maslow no ambiente de trabalho**. Revista UNIABEU. V.6 Número 13 maio- agosto 2013. Disponível em: uniabeu.edu.br/index.php/RU/article/download/805/pdf_4 Acesso em: 28 abr.2019.

FERREIRA, Andre; DEMUTTI, Carolina; GIMENEZ, Paulo Eduardo Oliveira. **A Teoria das Necessidades de Maslow: A Influência do Nível Educacional Sobre a sua Percepção no Ambiente de Trabalho**. XIII SEMEAD – Seminário em Administração. Rio de Janeiro, Setembro de 2010.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. **A Motivação nos adultos: factor fundamental de aproveitamento no ensino a distância**. In: SINAL - Revista do Instituto Português de Ensino a Distância, Número 1, Julho/Agosto/Setembro 1985. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/7026> Acesso em: 02 dez. 2018.

FIUZA, Patricia Jantsch. **Aspectos motivacionais na educação a distância: análise estratégica e dimensionamento de ações**. In Dissertação de Mestrado - UFSC. Florianópolis, 30 de setembro de 2002. Disponível em: <file:///D:/Projeto%20-%20Pós/Aspectos%20motivacionais%20na%20EAD.pdf> Acesso em: 03 dez. 2018.

G1. Um ano após conclusão do inquérito da Operação Ouvidos Moucos em SC, MPF ainda analisa o caso. Por NSC TV e G1 SC. 25/04/2019 19h38. Disponível em https://www.google.com/search?ei=F5nxXK-LF8u85OUP14S_-AM&q=ouvidos+moucos+origem+da+opera%C3%A7%C3%A3o+ufsc&oq=ouvidos+moucos+origem+da+opera%C3%A7%C3%A3o+ufsc&gs_l=psy-ab.3..33i160.9940.14503..14855...0.0..0.174.2222.0j17.....0....1..gws-wiz.....0i71j0i22i30j33i22i29i30.tNpGpQaOUC0 Acesso em: 31 mai. 2019.

_____. **Alunos à distância da UFSC são avisados de suspensão de atividades.** Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/08/alunos-distancia-da-ufsc-sao-avisados-de-suspensao-de-atividades.html> Acesso em: 31 mai. 2019.

G1/JORNAL NACIONAL. Oferta e procura por faculdades à distância aumentam no país. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/06/01/oferta-e-procura-por-faculdades-a-distancia-aumentam-no-pais.ghtml> Acesso em: 02 jun. 2019.

HACK, Josias Ricardo. **Introdução à educação a distância.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011. Disponível em: <https://uab.ufsc.br/portugues/files/2012/04/livro-introdu%C3%A7%C3%A3o-a-EAD.pdf> Acesso em: 16 nov. 2018.

KNOWLES, Malcon; HOLTON, Elwood F.; SWANSON, Richard A. **The Adult Learner: The Definitive Classic in Adult Education and Human Resource Development** Ed Holton, 310 pages, 5th edition, 1998.

KOBAL, Marília Corrêa. **Motivação intrínseca e extrínseca nas aulas de Educação Física.** Campinas, Faculdade de Educação Física. 1996.

LACERDA, Juliana Ramires; REIS, Sandra Melo dos; SANTOS, Nálbia de Araújo. **Os fatores extrínsecos e intrínsecos que motivam os alunos na escolha e na permanência no curso de ciências contábeis: um estudo da percepção dos discentes numa universidade pública.** Enfoque: Reflexão Contábil, 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307124257005> Acesso em: 1 jun. 2019.

LEAL, Edvalda Araujo; MIRANDA, Gilberto José; CARMO Carlos Roberto Souza. **Teoria da Autodeterminação: uma Análise da Motivação dos Estudantes do Curso de Ciências Contábeis.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcf/v24n62/07.pdf> Acesso em: 28 abr. 2019.

LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (orgs.). **Educação à distância: o estado da arte.** São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. Disponível em: http://www.abed.org.br/arquivos/Estado_da_Arte_1.pdf Acesso em: 16 nov. 2018.

_____. **Educação à distância: o estado da arte.** Vol 2. 2. ed. São Paulo : Pearson Education do Brasil, 2012. Disponível em: http://www.abed.org.br/arquivos/Estado_da_Arte_2.pdf Acesso em: 16 nov.2018.

LOURENÇO, Abílio Afonso; PAIVA, Maria Olímpia Almeida de. **A motivação escolar e o processo de aprendizagem.** In. Artigo Científico. Submetido em 10/04/2010 | Revisado em 09/08/2010 | Aceito em 10/08/2010 | ISSN 1806-5821 – Publicado on line em 15 de

agosto de 2010. Disponível em:

<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/313> Acesso em: 02 dez. 2018.

MACHADO, Geraldo Magela . **Psicologia Humanista**. In InfoEscola – navegando e aprendendo. Disponível em: <https://www.infoescola.com/psicologia/psicologia-humanista/> Acesso em: 16 mai. 2019.

MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. **Dificuldades na Educação a Distância Online**. Universidade Federal de Alagoas. Abril 2007. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/55200761718PM.pdf> Acesso em: 17 abri. 2019.

OLIVEIRA, Plícia Araújo de. **Motivação sob a perspectiva da teoria da autodeterminação: um estudo da motivação de alunos do curso de Ciências Contábeis da Universidade Estadual de Montes Claros**. Disponível em: <https://congressousp.fipecafi.org/anais/artigos102010/402.pdf> Acesso em: 25 mar. 2019.

PAIVA, Celso Pereira et al. **Uma abordagem as teorias motivacionais**. LINS – SP, 2009.

ROSECLER, Adriana; GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini. **Orientações motivacionais de alunos do curso de biblioteconomia**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n2/a04v14n2.pdf> Acesso em: 29 abr. 2019.

SANTANA, Ana Lucia . **Behaviorismo**. In InfoEscola – navegando e aprendendo. Disponível em: <https://www.infoescola.com/psicologia/behaviorismo/> Acesso em: 16 mai. 2019.

SANT' ANNA Dalmir. **Motivação. Não faça do seu trabalho uma tortura**. 2011. Disponível em: <http://www.rh.com.br/Portal/Motivacao/Artigo/7227/nao-faca-do-seu-trabalho-uma-tortura.html>. Acesso em: 03 dez. 2018.

SOBRAL, Dejanio T. Motivação do aprendiz de Medicina: uso da escala de motivação acadêmica. *Psicologia teoria e Pesquisa*. v.19 n.1 Brasília Jan/Abr.2003.

SPECTOR, P.E. *Psicologia nas organizações*. São Paulo: Saraiva, 2002.

TODOROV, João Cláudio; MOREIRA, Márcio Borges. **O conceito de motivação na psicologia**. *Rev. bras. ter. comport. cogn.* vol.7 no.1 São Paulo jun. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452005000100012&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 29 abr. 2019.

TUDURY, Gabriela. **A Motivação na Prática da Patinação Artística: Uma Revisão de Literatura**. 2012. 42 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Ufrgs, Porto Alegre, 2012.

UFSC- UAB. **Paralisação das atividades dos cursos na modalidade a distância**. 1 de novembro de 2017. Disponível em: <https://uab.ufsc.br/administracao/2017/11/01/paralisacao-das-atividades-dos-cursos-na-modalidade-a-distancia/> Acesso em: 31 mai. 2019.